



Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Departamento de História



**Deixando a vida para entrar na história: A construção da imagem de Pedro
Velho como herói republicano norte-rio-grandense**

Helena

NATAL(RN)

2007

HELENSANDRA LIMA DA COSTA



Deixando a vida para entrar na história: A construção da imagem de Pedro Velho como herói republicano norte-rio-grandense

Monografia apresentada à disciplina de Pesquisa Histórica II, para fins de conclusão do curso de Bacharelado e Licenciatura em História, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, orientada pelo Professor Dr. Almir de Carvalho Bueno.

NATAL (RN)

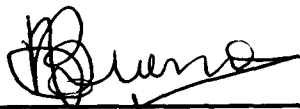
2007

BANCA EXAMINADORA

HELENSANDRA LIMA DA COSTA

**Deixando a vida para entrar na história: A construção da imagem de Pedro Velho como
herói republicano norte-rio-grandense**

Em, 25 / 06 / 2007.



Almir de Carvalho Bueno (Professor orientador)

(membro da banca)

(membro da banca)

NATAL (RN)

2007

Aos meus pais e a Gustavo Nobre por
estarem ao meu lado nos momentos
mais importantes da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por estarem sempre ao meu lado, contribuindo significativamente para a minha educação em todos os níveis, pela paciência e dedicação durante todos esses anos. A Gustavo Nobre por entender as minhas ausências nos momentos definitivos deste trabalho.

Aos professores do Departamento de História, em especial às professoras Aurinete Barreto, pelas ajudas nas referências bibliográficas, Denise Mattos com suas aulas de História do Rio Grande do Norte, que acabaram me direcionando a este tema, ao professor Helder Viana, pela atenção e ajuda prestada e ao professor orientador Almir de Carvalho Bueno.

A todos os amigos da graduação que estiveram comigo ao longo desses quatro anos e meio, em especial a Ana Larissa Cardoso pela ajuda e companheirismo desde os primeiros dias de vida acadêmica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1 ENTRANDO PARA HISTÓRIA: A BUSCA POR HERÓIS NA REPÚBLICA NORTE- RIO-GRANDENSE.....	09
2 ENTRANDO PARA HISTÓRIA: A INVENÇÃO DE PEDRO VELHO NA HISTORIOGRAFIA.....	19
3 O PAPEL DOS MONUMENTOS.....	32
4 CONCLUSÃO.....	38
5 BIBLIOGRAFIA.....	40
6 ANEXOS.....	42

INTRODUÇÃO

Com a instauração do regime republicano no Brasil, foi necessário que se criassem símbolos com o objetivo de legitimá-lo. No entanto, o uso de símbolos para legitimar um regime político não foi comum apenas no Brasil. Ao contrário, é uma prática mundial, ~~assim~~ como afirma José Murilo de Carvalho [em *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*.¹] Carvalho nos informa que a ideologia é o instrumento clássico da legitimação de regimes no mundo moderno. Os elementos utilizados pelos republicanos brasileiros para legitimar o novo regime foram variados. Passaram por bandeiras, hinos, mitos, monumentos e heróis.

Os monumentos foram alguns desses símbolos que acabaram contribuindo para a construção do imaginário, pois transmitiam a idéia de grandiosidade dos personagens retratados e dos seus “grandes feitos”. Os heróis cumpriram um papel bastante significativo também, pois não existe regime político instaurado que não crie o culto a seus heróis. Eram muito importantes, pois representavam modelos de nacionalidade e ~~tinham~~ ^{republicanos} como função principal transmitir ensinamentos ao povo.

No Brasil, a busca por heróis ^{republicanos} foi bastante significativa e muito importante devido a falta de participação popular no movimento. Mas, a escolha não foi tão simples, visto que o herói precisava ter a cara da nação, servindo de referencial para grupos socialmente diversificados. A figura que teve grande destaque no processo de busca por um herói republicano no Brasil foi Tiradentes, apesar de alguns questionamentos quanto à sua participação na Inconfidência Mineira e até mesmo sobre sua aparência.

¹ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

O Rio Grande do Norte, não fugindo a essa regra, também procurou criar seus heróis. Uma das figuras de destaque no momento da instauração da República no Estado foi Pedro Velho de Albuquerque Maranhão. A construção da imagem heróica de Pedro Velho fica claramente notada na historiografia tradicional norte-rio-grandense representada por Câmara Cascudo, Rocha Pombo e Tavares de Lira e que teremos a oportunidade de observar ao longo dos capítulos.

Podemos encontrar nos trabalhos dos autores mencionados acima, a descrição de um Pedro Velho honesto, culto, e que era fiel a causa republicana. Esses historiadores tradicionais não tinham a preocupação em estudar o movimento republicano no Rio Grande do Norte entendendo o significado dele. Antes, trataram o acontecimento como “grandioso”, e que foi realizado por “grandes homens”. * *referência bibliográfica*

Além dos trabalhos historiográficos, Pedro Velho, assim como outros “heróis”, também ganhou seu monumento, situado numa praça que leva seu nome. *A duplicata* ~~uso~~ dos monumentos foi bastante oportuno dado o baixo nível de escolaridade da população. Essa era uma forma fácil de atingir o coração do povo.

Para que possamos entender como se deu a construção da imagem de Pedro Velho como herói republicano norte-rio-grandense, analisaremos primeiramente o caso brasileiro, e veremos como os republicanos fizeram uso de alguns símbolos para legitimar o novo regime. Nos capítulos seguintes, teremos a oportunidade de ver como Pedro Velho foi descrito nos trabalhos de historiadores tradicionais do Rio Grande do Norte como, Câmara Cascudo Rocha Pombo e Tavares de Lira, tomando conhecimento dessa forma, da contribuição de cada um deles dentro desse processo. Por fim, analisaremos a contribuição dos monumentos para a construção da imagem heróica do homem que foi tido como a “alma” do movimento republicano no Estado.

ENTRANDO PARA A HISTÓRIA: A BUSCA POR HERÓIS NA REPÚBLICA NORTE-RIO-GRANDENSE

Em 15 de novembro de 1889 foi instaurada a República no Brasil. Apenas dois dias após esse acontecimento, ou seja, em 17 de novembro de 1889, foi proclamada a República no Rio Grande do Norte, que ocorreu de forma tranqüila, “como se fosse a transmissão formal de cargo de um partido a outro, [...] e não uma mudança radical de um regime político para outro”.² A figura de destaque nesse processo de transição no Rio Grande do Norte foi Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, e é justamente em torno da figura de Pedro Velho que a discussão do presente trabalho será norteadada e a respeito de quem falaremos nas linhas à frente. Pretendemos aqui, estudar como se deu a construção da imagem de Pedro Velho de Albuquerque Maranhão como herói republicano norte-rio-grandense, observando os meios utilizados para esse fim.

No entanto, antes disso, precisamos fazer uma discussão a respeito do processo de legitimação da República no Brasil para que, por meio desse parâmetro, possamos mostrar o processo pelo qual o Rio Grande do Norte passou. A forma grandiosa ^{com a qual} Pedro Velho foi retratado pela historiografia tradicional norte-rio-grandense representada por Câmara Cascudo, Rocha Pombo e Tavares de Lira, além do estudo do monumento erguido em sua homenagem, como é o caso do busto que se encontra em Natal na Praça Cívica ou Pedro Velho podem nos ajudar bastante neste aspecto. Neste primeiro capítulo, iremos tratar de alguns dos meios – no nosso caso, os heróis – utilizados pelos republicanos brasileiros para tornar legítimo no Brasil o novo regime e também o caso do Rio Grande do Norte especificamente.

² BUENO, Almir de Carvalho. *Visões de República: idéias e práticas políticas no Rio Grande do Norte (1880-1895)*. Natal: EDUFRRN, 2002. p. 104.

Segundo José Murilo de Carvalho, “o instrumento clássico de legitimação de regimes políticos no mundo moderno é, naturalmente, a ideologia, a justificação racional da organização do poder.”³

Os republicanos brasileiros buscaram legitimar a República através de sinais de fácil leitura, como imagens, monumentos ou mitos, visto que a população apresentava um baixo nível de escolaridade e, se essa tentativa ^{fosse} tivesse sido feita apenas através de discursos, não atingiria seu objetivo final – alcançar o imaginário popular, chegando assim ao coração do povo.⁴

Os monumentos tiveram um papel muito importante na construção desse imaginário, pois cumpriam a sua função ^{de} transmitir a idéia de grandiosidade do personagem retratado e dos seus grandes feitos. Eram como tentativas de transformar elaborações mentais em coisa material ou palpável.⁵ Na manipulação dos objetos (heróis, hinos, monumentos e bandeiras) que serviriam para a legitimação da República, os positivistas tiveram grande destaque. Positivistas ortodoxos estiveram envolvidos nessa batalha simbólica, usando a palavra escrita e os símbolos cívicos. Sobre os monumentos, José Murilo cita o caso dos dedicados a Benjamin Constant e Floriano Peixoto no Rio de Janeiro, em torno dos quais giram discussões sobre o mito de origem da República, e o monumento a Julio de Castilhos em Porto Alegre. Esses monumentos estão rodeados da temática positivista, exprimindo a “idealização da realidade, [...], o culto cívico da família, da pátria e da humanidade”.⁶

O novo regime instaurado precisava do seu representante, do seu herói. “Não há regime que não promova o culto de seus heróis e não possua seu panteão cívico”, diz Carvalho.⁷ Encontrar esse herói durante o processo da construção do mito de origem da República não foi

³ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas*, p. 9.

⁴ *Ibid.*, p. 10.

⁵ MICELI, Paulo. *O mito do herói nacional*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1989. p. 13.

⁶ CARVALHO, José Murilo de. *Op. cit.*, p. 45.

⁷ *Ibid.*, p. 55.

uma tarefa simples, visto que essa escolha não era feita arbitrariamente; o herói precisava ter a “cara da nação”. Não havendo essa identificação, todo o esforço aplicado nessa escolha seria em vão.

O herói desempenha um papel muito importante dentro do processo de legitimação, pois de acordo com Regina Abreu,



Os heróis representavam pessoas exemplares ou paradigmáticas da nacionalidade, cuja função precípua consistia em [...] transmitir ensinamentos à população em geral. Com isso, buscava-se garantir a homogeneidade do pensamento no interior da nação, no sentido de congregar em torno de um referencial comum grupos sociais altamente diversificados culturalmente.⁸

Para Paulo Miceli:

O herói tem uma finalidade moralista, servindo para avaliar e dirigir capacidade e condutas: os cristãos apresentam seus santos como modelo de virtude, os militares fazem o mesmo com alguns comandantes, os revolucionários com os seus líderes. [...]

Símbolo da esperança, um sentimento prevalece sobre todas as demais circunstâncias responsáveis pela consagração de um herói: a ilusão de que magicamente, só ele pode fundir todas as múltiplas partes que compõe a realização de um ideal de libertação e emancipação de um país, de uma classe social, de uma etnia, de grupos religiosos e de uma infinidade de instituições e agrupamentos sociais [...].⁹

⁸ ABREU, Regina. *A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996, p. 180.

⁹ MICELI, Paulo. *O mito do herói nacional*, p. 10 e 12.

Os heróis cumpriam um papel significativo na legitimação do regime republicano, dada a falta da participação popular no movimento. Nesse caso, é feita uma tentativa de compensação, que se dá através da simbologia. Esses heróis são modelos a serem seguidos pelas gerações futuras. São “grandes homens”, exemplos de honestidade e compromisso com a nação. *referências bibliográficas!*

Os republicanos brasileiros também lutaram para transformar os principais representantes do movimento de 15 de novembro como Deodoro, Benjamin Constant, Quintino Bocaiúva ou Floriano Peixoto, em verdadeiros heróis nacionais. Para isso, exaltaram a imagem desses personagens através de livros, jornais, monumentos, quadros e datas cívicas. Em alguns casos, seus nomes foram dados a ruas, praças ou cidades.

No entanto, a figura que ganhou grande destaque na luta da construção do herói republicano foi Tiradentes, apesar dos questionamentos presentes na historiografia quanto à sua participação na Inconfidência Mineira, sua personalidade e até mesmo sua aparência física. Mesmo assim, Tiradentes foi retratado como um grande herói, um mártir, que se sacrificou por um sonho, um ideal. Paulo Miceli, em *O Mito do Herói Nacional* comenta esse fato *afirmando* dizendo que

Do rosto de Tiradentes pouco se sabe. Sumiu com a cabeça, que a mando das autoridades foi separada do corpo; perdeu-se quando os olhos que o viram vivo também deixaram de ver. Por isso, cada um tratou de criar seu próprio Tiradentes, havendo quem o veja como imponente oficial e quem o apresente assemelhado a Jesus Cristo. [...]

Tiradentes deixava a vida para entrar na história, o que aconteceu muito tempo depois, principalmente quando se “proclamou a república” e os senhores dos novos tempos precisavam de sangue alheio para dignificar uma luta que não houve.¹⁰

¹⁰ MICELI, Paulo. *O mito do herói nacional*, p. 41 e 51.

Textos escritos após a Inconfidência Mineira se encarregaram dessa retratação de Tiradentes descrita por Miceli.¹¹ A literatura brasileira também se ocupou em retratar o “martírio” de Tiradentes. No conto *A Cabeça de Tiradentes* (1867), de Bernardo Guimarães, essa idéia fica bem clara. Um dos trechos diz:

Pobre Tiradentes!... ainda que não fosse tão nobre e santa a causa por que te imolaste, a morte afrontosa que sofreste, e a crueldade, direi asquerosa, com que profanaram teus miserandos restos, eram motivos bastantes para abençoarmos tua memória e execrarmos a de teus algozes.¹²

Assim como afirma Miceli, o culto cívico a Tiradentes intensificou-se após a proclamação da República quando, em 1890, o dia 21 de abril foi declarado feriado nacional juntamente com 15 de novembro. Usando uma expressão do historiador inglês Eric Hobsbawm, Regina Abreu diz que a Proclamação da República trouxe a necessidade da criação de uma *tradição* republicana. Com isso, almejava-se forjar uma tradição republicana para a nação, enfatizando a descontinuidade da República em relação ao Império¹³. Hobsbawm diz que

Por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição [...].¹⁴

¹¹ RIBEYROLES, Charles, apud, CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas*, p. 60.

¹² GUIMARÃES, Bernardo. *A cabeça de Tiradentes*. Disponível em: <<http://www.geocities.com/paulopes.geo/tiraden.htm>>. Acesso em: maio 2007.

¹³ ABREU, Regina. *A fabricação do imortal*, p. 184.

¹⁴ HOBBSAWM, Eric. *A invenção das tradições*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, [sd]. p. 9.

O uso de comparações de Tiradentes com a figura de Jesus Cristo foi comum. A imagem de “Cristo cívico” não ficava gravada apenas em textos, mas também em imagens como as de Décio Villares, pintor positivista, ^{que} ~~onde~~ mostra um Tiradentes com a corda ao pescoço, barba e cabelos longos, uma imagem muito parecida com a representação do próprio Jesus Cristo.

O bom êxito da figura de Tiradentes como herói republicano se deve a vários fatores tais como o geográfico, pois ele se tornou herói da região do Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais) que a partir da metade do século XIX era considerada uma das principais ~~regiões~~ do país, o centro político e onde o republicanismo foi mais forte. Também a tradição cristã do povo, a posição que ele ocupou como mártir identificando-se com Cristo, além do fato da Inconfidência Mineira não ter passado de “planos”, não havendo derramamento de sangue ~~de sua~~ ¹ ~~parte~~, contribuíram para êxito obtido com a construção do herói. Tiradentes foi vítima da Coroa portuguesa e ainda foi traído por um amigo, Joaquim Silvério dos Reis, que passou a ser encarado como um Judas. Essa analogia ao exemplo de Cristo tocava ainda mais o povo e sua forte religiosidade. A aceitação dessa imagem de Tiradentes fica clara na sua transformação em mais do que um herói republicano: Tiradentes se tornou um herói nacional!

O Rio Grande do Norte não ficou de fora da busca pelo seu herói. Segundo Consolação Linhares, os republicanos tentavam “criar no imaginário coletivo norte-rio-grandense a idéia de que havia em terras potiguares uma antiga tradição republicana que deveria ser referenciada pelo povo potiguar”.¹⁵ Em sua monografia de final de curso, Consolação Linhares mostra os casos da construção dos “heróis” André de Albuquerque Maranhão e Frei Miguelinho, participantes da insurreição de 1817.

¹⁵ CARVALHO, Consolação Linhares de. *A construção do passado republicano norte-rio-grandense e a historiografia*. 2006. Monografia (Graduação em História) – UFRN, Natal, p. 7.

No momento da proclamação da República no Rio Grande do Norte, em 17 de novembro de 1889, a figura de destaque foi Pedro Velho de Albuquerque Maranhão. Segundo Augusto Tavares de Lira, ele foi a “alma do movimento”.¹⁶ Em torno de sua figura também ocorreu a tentativa de fazê-lo referencial, ou seja, torná-lo o exemplo do homem que lutou pelo povo norte-rio-grandense para a vitória da causa republicana. Sua figura, assim como no caso dos participantes do 15 de novembro, foi exaltada em livros, jornais, e seu nome foi dado a ruas, praças e instituições.¹⁷ Em *Vida de Pedro Velho*, Luis da Câmara Cascudo afirmou ao seu respeito:

Ninguém no seu tempo, comparou-o mesmo intimamente com outra qualquer criatura humana, era emocionalmente superior aos limites normais da escala política. Honra para o Rio Grande do Norte era Pedro Velho continuar conterrâneo, próximo, fiel ao amavio da terra pobre e linda.¹⁸

Pedro Velho nasceu em Natal, na rua do Comércio, (atual Rua Chile) no prédio que atualmente corresponde ao número 178, [...] a 27 de novembro de 1856, filho de Amaro Barreto de Albuquerque Maranhão, grande senhor de engenho, e de Feliciano Maria.¹⁹ Formou-se em Medicina no Rio de Janeiro em 1881. Quando voltou para o Rio Grande do Norte, atuou como médico e foi inspetor da saúde pública em 1855 e 1856, além de ter atuado como professor do Atheneu Riograndense. Pedro Velho teve contato com os Liberais – mas sem maiores compromissos – através de seu irmão mais velho, Fabrício Maranhão. Se engajou na campanha abolicionista em fins de 1887 e em 1º de janeiro de 1888, no Teatro Santa Cruz, “reuniu os

¹⁶ LIRA, Augusto Tavares de. *História do Rio Grande do Norte*. 2.ed. Natal: Fundação José Augusto, 1982. p. 253.

¹⁷ CASCUDO, Luis da Câmara. *Vida de Pedro Velho*. Natal: Departamento de Imprensa, 1956. p. 99.

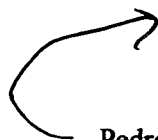
¹⁸ *Ibid.*, p. 11.

¹⁹ *Ibid.*, p. 19.

aboliconistas reais e em potencial fundou a Sociedade Libertadora Norte Riograndense”²⁰. Tornou-se republicano tardiamente, em dezembro de 1888, quando “João Avelino (*primo dele*) decidiu Pedro Velho a ser republicano.”²¹ Fundou o Partido Republicano do Rio Grande do Norte em 27 de janeiro de 1889. Morreu em 09 de dezembro de 1907, aos 51 anos, a bordo do vapor “Brasil” a caminho do Rio de Janeiro.

Mesmo Pedro Velho tendo se tornado republicano e aboliconista no momento em que Abolição e República já eram iminentes, foi retratado na historiografia tradicional norte-riograndense, representada por Câmara Cascudo, Rocha Pombo e Tavares de Lira, como o grande herói, o fascinador, o Chefe, como gostava de ser chamado. “O homem que absorveu todas as iniciativas e resumiu em si mesmo a atividade de todo um Estado”²² Suas supostas virtudes foram exaltadas; desde sua linguagem simples e clara, bom gosto musical, amor por sua terra, passando pela honestidade, se recusando ~~em~~^a receber presentes dispendiosos, como jóias ou propriedades, até a sua forma de se vestir, fiel aos cânones da época, que serviu de exemplo para outros e até quase três lustros depois de sua morte, os mais graduados imitavam a sua indumentária.²³ Nas palavras de Alcindo Guanabara, Pedro Velho “não foi um autoritário inconsciente: foi um organizador da autoridade e não contribuiu para isso mais poderosamente do que com a paixão que o animara pela liberdade e pela ordem”²⁴.

Para Câmara Cascudo,



Pedro Velho era um conjunto de fatores que dispersos seriam ineficazes e que se reuniram nele como as águas descem para o mar. Teve o fado de possuir perto

²⁰ CASCUDO, Luis da Câmara. *Antologia de Pedro Velho*. Natal: Departamento de Imprensa, 1954, p. 225.

²¹ *Ibid.*, p. 226, grifo nosso.

²² *Id.*, *História da República do Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: Edições do Val, 1965, p. 36.

²³ CASCUDO, Luis da Câmara. *Vida de Pedro Velho*, p. 72.

²⁴ *Id.*, *Antologia de Pedro Velho*, p. 217.

de si, ou em si próprio, todas as virtudes, todos os recursos, todos os amigos, todos os elementos forjadores dum chefe político, dum criador de partido, dum derribador de dissídios, dum afortunado jogador social²⁵

Na historiografia tradicional norte-rio-grandense não existe a preocupação em entender o significado da implantação do novo regime no seu sentido mais amplo. Em seus trabalhos sobre a história do Rio Grande do Norte, os historiadores tradicionais tratam o movimento republicano potiguar como um grande acontecimento, realizado pelos grandes homens – no nosso caso, Pedro Velho. Mas, esses trabalhos não estavam sozinhos na construção da imagem do grande herói. A utilização dos monumentos também se fez presente no caso do Rio Grande do Norte. Essas práticas eram necessárias diante da falta da participação popular no movimento republicano no Estado; era necessário legitimar o novo regime através da criação de seus heróis, fazendo pontes entre o mundo visível e o invisível.²⁶ A utilização dos monumentos foi muito oportuna, dado o baixo nível de educação da população.

Nos capítulos seguintes veremos a importância desses dois elementos, historiografia e monumentos, para a construção da imagem de um grande homem republicano. Veremos com mais cuidado a invenção de um Pedro Velho “sem defeitos”. Vamos ter a oportunidade de observar isso através dos trabalhos de Câmara Cascudo, Rocha Pombo e Tavares de Lira, ~~em~~ ^{mente} especial em Câmara Cascudo, que dedicou trabalhos exclusivos à figura de Pedro Velho, como é o caso da *Antologia de Pedro Velho* e *Vida de Pedro Velho*. No primeiro, a preocupação de Cascudo era trazer à tona as produções de Pedro Velho no plano jornalístico e da oratória; ~~o~~ segundo, trata-se de um trabalho biográfico. Tanto Rocha Pombo quanto Tavares de Lira, trabalharam com a mesma perspectiva de exaltação da figura de Pedro Velho, podendo nos dizer

²⁵ CASCUDO, Luis da Câmara. *História da República do Rio Grande do Norte*, p. 37.

²⁶ ABREU, Regina. *A fabricação do imortal*, p. 43.

muito através de suas obras. Por isso, dedicaremos o próximo capítulo, o segundo, ao estudo dos trabalhos desses três ^{outros} quanto à imagem que constituem de Pedro Velho.

Após a discussão da historiografia potiguar tradicional, no capítulo três, apresentaremos algumas informações a respeito do busto de Pedro Velho e da praça que leva o seu nome. Veremos a importância desse monumento dentro do processo de legitimação da República no Rio Grande do Norte, difundindo assim a imagem de um grande chefe, homem inimitável, que serviu de motor para seus discípulos e admiradores.²⁷

²⁷ CASCUDO, Luis da Câmara. *Vida de Pedro Velho*, p. 99.

② ENTRANDO PARA HISTÓRIA: A INVENÇÃO DE PEDRO VELHO NA HISTORIOGRAFIA

A busca por uma história nacional, por uma identidade através de seus heróis e grandes personagens não se iniciou em 1889, junto com a proclamação da República. A partir de 1838, ainda durante o período do Império, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) foi criado destinado a escrever uma história do Brasil²⁸. Através da reunião de biografias, sistematizava uma galeria de heróis nacionais que serviriam como exemplo para as gerações futuras. O estatuto do IHGB incentivava a criação de institutos históricos nas províncias, de modo que enviassem para o Rio de Janeiro de forma organizada, as informações sobre as diversas regiões do Brasil. No entanto, essa idéia só se tornou concreta com a instauração da República. Consolação Linhares afirma que “o federalismo implantado no Brasil, após a proclamação da República, trouxe novas perspectivas para a historiografia do IHGB. As histórias estaduais ganharam vigor, em decorrência da importância dada as unidades da federação”.²⁹ Os historiadores tradicionais norte-rio-grandenses, Câmara Cascudo, Rocha Pombo e Tavares de Lira, desenvolveram seus trabalhos na perspectiva teórico-metodológica do Instituto Histórico, preocupando-se com a construção de uma identidade norte-rio-grandense.³⁰ Será através da análise de ~~alguns dos~~ trabalhos desses três autores que tentaremos perceber como Pedro Velho de Albuquerque Maranhão foi descrito, contribuindo para a perpetuação de sua imagem como peça indispensável no processo de legitimação da República no Estado. Começemos por Tavares de Lira e Rocha Pombo.

²⁸ ABREU, Regina. *A fabricação do imortal*, p. 179.

²⁹ CARVALHO, Consolação Linhares de. *A construção do passado republicano norte-rio-grandense e a historiografia*, p. 17.

³⁰ *Ibid.*, p. 19.

Augusto Tavares de Lira foi o primeiro dessa tríade a escrever uma história do Rio Grande do Norte. Seu trabalho foi publicado em 1921, no Rio de Janeiro, um pouco antes de Rocha Pombo, que foi presenteado pelo autor com um exemplar, e agradeceu a Tavares de Lira através de carta pela oportunidade de “aproveitar os mananciais de sua obra”.³¹

No início do capítulo, intitulado “Período republicano até a organização do Estado”³², Tavares de Lira afirma que aqueles que conhecem ou estudam o período de ascensão da “propaganda democrática” no Brasil no período, que vai do abolicionismo até a República, sabem que a *alma* do movimento republicano no Rio Grande do Norte foi Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, com quem tinha uma relação familiar muito próxima: Pedro Velho era seu sogro. Logo em seguida, Tavares de Lira rememora os antepassados “heróis” de Pedro Velho, “Jerônimo de Albuquerque, no tempo da conquista, e André de Albuquerque na revolução de 1817”³³, afirmando que ele honrou, através de sua ação patriótica, a memória desses seus ilustres antecessores. Com essa assertiva, Tavares de Lira estabeleceu uma ligação do movimento republicano de 1889, com o movimento de 1817, nos transmitindo uma idéia de continuidade da tradição republicana no Estado. Ainda neste capítulo, Lira narra a participação de Pedro Velho no movimento abolicionista do Rio Grande do Norte, mas afirma que foi como propagandista republicano e chefe de partido que Pedro Velho pode divulgar *todo o seu potencial e brilhantismo* como chefe político. Foi nesse período que ele “revelou, em *toda a sua plenitude, os dotes excepcionais* de seu grande espírito”.³⁴

Podemos encontrar anexado ainda nesse livro um trecho da ata de fundação do partido republicano em 27 de janeiro de 1889, e do manifesto republicano dirigido a população potiguar.

³¹ LIRA, Augusto Tavares de. *História do Rio Grande do Norte*, p. 7.

³² *Ibid.*, p. 253.

³³ *Ibid.*, p. 253.

³⁴ *Ibid.*, p. 253, grifo nosso.



No manifesto escrito por Pedro Velho, presente no trabalho de Tavares de Lira, a idéia de continuidade da tradição republicana no Rio Grande do Norte ficou clara quando ele diz que “as tradições republicanas no Rio Grande do Norte foram escritas com sangue”³⁵, lembrando assim os personagens citados anteriormente. Ainda nesse mesmo documento selecionado por Tavares de Lira, Pedro Velho trata a República como um “novo Cristo”³⁶ que iria salvar o povo brasileiro da opressão do Império.

Encerrando a parte de seu trabalho dedicada à história da República no Rio Grande do Norte, Tavares de Lira cita as palavras de Luis Fernandes, autor do artigo “Traços biográficos do Senador Pedro Velho” na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, vol. VI, para explicar a importância de Pedro Velho no processo da implantação da República no Estado: “a história de sua vida é [...] a da própria República”.³⁷ Há ainda o discurso proferido por Alcindo Guanabara em 15 de novembro de 1908, que aponta Pedro Velho como um exemplo a ser seguido. O discurso diz:

Esse grande morto, senhores, sugere-nos grandes deveres na vida. Não basta que nos vangloriemos de haver vivido com ele e lutando junto dele; é preciso que nos guiemos pelo seu exemplo e que elevemos até ele o espírito e o coração da geração que há de suceder a nossa. Esse homem, cuja memória aqui tão comovidamente recordamos, teve até o último dia de sua vida a paixão do trabalho, a luta pelas convicções, o respeito pelos companheiros, a energia necessária para defender sem fraqueza o seu pensamento, a sua fé e a sua obra. [...] Não foi um autoritário inconsciente: foi um organizador da autoridade [...].³⁸

³⁵ LIRA, Augusto Tavares de. *História do Rio Grande do Norte*, p. 256.

³⁶ *Ibid.*, 256.

³⁷ Luis Fernandes. Apud LIRA, Augusto Tavares de. *História do Rio Grande do Norte*, p. 268.

³⁸ CASCUDO, Luis da Câmara. *Antologia de Pedro Velho*, p. 217.

Esses relatos presentes na obra de Tavares de Lira deixam claro a sua concordância com a imagem de Pedro Velho como peça chave no movimento republicano e como o homem que merece ser referenciado pela posteridade, preenchendo todos os requisitos que são exigidos de um grande herói.

O segundo trabalho que iremos observar é a *História do Estado do Rio Grande do Norte* de Rocha Pombo, escrito no período das comemorações para o centenário da Independência do Brasil. No prefácio desta obra, Rocha Pombo expressa o objetivo de seu trabalho: colaborar com a escrita da história nacional através da ajuda de cada uma das unidades regionais, bem na perspectiva do IHGB. Assim como *História do Rio Grande do Norte* de Augusto Tavares de Lira, *História do Estado do Rio Grande do Norte* foi publicado em 1921.

No capítulo dedicado ao período republicano, Rocha Pombo faz a mesma referência a uma tradição republicana no Rio Grande do Norte, feita por Tavares de Lira. Ele diz:

A revolução de 1817 demonstra irrecusavelmente que contra as iniquidades e humilhações do regime colonial havia na terra, [...] um pensamento de protesto que só espera o ensejo de explodir [...].³⁹

Pedro Velho é ressaltado por Rocha Pombo como o grande entusiasta do movimento republicano potiguar no final do século XIX e através de quem o povo do Rio Grande do Norte

³⁹ POMBO, Rocha. *História do Estado do Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1921, p. 455.

reviveu “os tradicionais valores liberais e republicanos que tinham sido deixados de lado pelo sangue dos heróis de 1817.”⁴⁰

Após essas considerações, Rocha Pombo inicia a segunda parte de seu capítulo que trata sobre a República no Rio Grande do Norte, retratando Pedro Velho como “um homem cujo espírito parecia talhado para evangelizador de grandes idéias.”⁴¹ Logo depois, descreve o desenrolar das ações de Pedro Velho após a fundação do Partido Republicano do Rio Grande do Norte e as gestões dos governadores que o sucederam. Tendo como referência a obra de Tavares de Lira para escrever a sua história do Rio Grande do Norte, Rocha Pombo enalteceu mais uma vez a imagem positiva de Pedro Velho: um “homem público, dando provas de *altas qualidades políticas* – muito prudente, de grande tolerância, mas firme e enérgico, ponderado e seguro.”⁴² Ressaltou ainda em suas últimas considerações sobre ele: “são unânimes os testemunhos do tempo em assinalar a moderação de que deu provas o ilustre chefe republicano em um posto, no qual, mais que a firmeza e coragem que revelará no apostolado, *cumpria pôr em ação virtudes cívicas inseparáveis da legítima democracia.*”⁴³

Retomando as considerações de Regina Abreu, Paulo Miceli e José Murilo de Carvalho mencionadas no capítulo primeiro, essa forma grandiosa com que Pedro Velho foi retratado nas obras de Tavares de Lira e Rocha Pombo só vem confirmar a necessidade, apontada por esses autores, do herói reunir qualidades que possam servir de espelho para o povo. José Murilo diz que dentro desse processo que ele chama de “heroificação”, é necessário que a figura

⁴⁰ CARVALHO, Consolação Linhares de. *A construção do passado republicano norte-rio-grandense e a historiografia*, p. 20.

⁴¹ POMBO, Rocha. *História do Estado do Rio Grande do Norte*, p. 456.

⁴² Ibid., p. 461, grifo nosso.

⁴³ Ibid., p. 471, grifo nosso.

real passe por um processo de transmutação a fim de se tornar modelo de valores ou aspirações coletivas.⁴⁴

O último dos três autores que consideraremos aqui é Câmara Cascudo que possui trabalhos dedicados exclusivamente a figura de Pedro Velho. São eles: *Antologia de Pedro Velho e Vida de Pedro Velho*.

Escolhemos como alguns dos nossos objetos de estudo para esse capítulo, as duas obras supracitadas e uma outra intitulada *História da República no Rio Grande do Norte*, publicada em 1965. Assim como Tavares de Lira e Rocha Pombo, Câmara Cascudo também escreveu a sua *História do Rio Grande do Norte*, publicada em 1955.

No prefácio da *História da República no Rio Grande do Norte*, Cascudo inicia suas considerações afirmando que não seria mais possível escrever um livro como este, fundamentado em depoimentos de amigos seus e de seu pai. Livros, jornais e investigações em arquivos não podem se comparar com “a força colorida dessas evocações pessoais”.⁴⁵

Iniciando o capítulo intitulado “A formação do Partido Republicano no Rio Grande do Norte”, Cascudo menciona que a idéia republicana pertencia às classes cultas. O movimento de 1817 foi associado neste trabalho ao movimento anti-monarquista presente do final no século XIX, assim com afirmaram Tavares de Lira e Rocha Pombo.

Nesse mesmo capítulo, Cascudo diz que “a mais antiga tradição provada e oral da propaganda republicana no Rio Grande do Norte ligava-se ao pernambucano Joaquim Teodoro Cisneiro de Albuquerque. [...] Por seu intermédio e contágio enviaram uma “saudação”, com 33 assinaturas, ao Club Republicano do Rio de Janeiro, em 30 de novembro de 1871, afirmando a

⁴⁴ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas*, p. 14.

⁴⁵ CASCUDO, Luis da Câmara. *História da República no Rio Grande do Norte*, p. 11.

mais plena adesão às idéias republicanas”.⁴⁶ Com isso, Cascudo não se fixa apenas no movimento de 1817 para tratar da construção de um passado republicano no Rio Grande do Norte. Outras manifestações anti-monarquistas também ganharam visibilidade em seu trabalho.

Ainda no mesmo capítulo, no terceiro subtítulo, Câmara Cascudo cita Pedro Velho de Albuquerque Maranhão e dedica-lhe os mais diversos elogios, além de apresentá-lo como “Chefe” do movimento de 1889. Cascudo já inicia o tópico com as seguintes palavras:

Foi o fascinador, o Chefe, Ninguém pode por muito tempo odiá-lo. Absorveu todas as iniciativas. Resumiu em si mesmo a atividade de todo um Estado. Fez de tudo. Tudo lhe é devido. Ninguém teve a audácia de dizer que essa figura inesquecível era a sombra de dedicações, de trabalhos silenciosos e pertinazes, de servilismos espontâneos, de imaginações dadivosas. A geração que ele comandou continua seduzida, deslumbrada, levando para diante a fama do Homem-Único, o político maravilhoso, o técnico invencível, o inimitável criador da República numa unidade da federação.⁴⁷

Encerrando o subtítulo, Cascudo enfatiza a honestidade de Pedro Velho, ao dizer que mesmo sendo ele “dono do Estado” e filho de um homem rico, “deixou uma herança que envergonharia o mais desinteressado dos homens contemporâneos.”⁴⁸ Qualidades como honestidade, bom gosto, educação, seriedade e honra de Pedro Velho são exaltadas constantemente nos trabalhos de Câmara Cascudo.

Isso pode ser claramente notado em *Antologia de Pedro Velho*, publicado no ano de 1954. Seu prefácio foi escrito por Antônio Pinto de Medeiros e explica que essa obra objetivava aproximar os leitores das produções jornalísticas e de oratória desenvolvidas por Pedro Velho ao

⁴⁶ CASCUDO, Luis da Câmara. *História da República no Rio Grande do Norte*, p. 28.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 36 e 37.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 40.

longo de sua carreira. Sendo assim, nesse trabalho estão contidos manifestos, discursos, projetos e artigos. Nos adendos, Domingos de Barros e Alcindo Guanabara dão a sua contribuição. Na parte intitulada “Meu retrato de Pedro Velho” presente nos adendos, Cascudo informa alguns dados pessoais de Pedro Velho, como data e local de nascimento, filiação, sua formação básica e superior. Em seguida, aponta seu envolvimento com o abolicionismo em fins de 1887.

Não fugindo à regra de seus antecessores ao escreverem sobre a história do Rio Grande do Norte, a exaltação a figura de Pedro Velho aparece nesse trabalho inúmeras vezes. Um dos trechos da *Antologia de Pedro Velho* é bastante significativo e confirma essa perspectiva abordada por Câmara Cascudo. Ele nos diz que Pedro Velho

Era voluntarioso, egoísta, centralizador, principio e fim de todas as coisas estaduais com um ar desprendido de desinteresse e alheamento. Conservava a forma impecável de gentil homem, senhorial e fidalgo, uma graça natural e condescendente que a todos seduzia, mantendo cada um no seu lugar em distância inalteráveis. Chefe inimitável, cômico de sua autoridade e dos recursos pessoais de conquista, tinha a ciência do comando, a voz especial para cada pessoa, a técnica essencial da contaminação política, escolhendo um vírus para cada soldado.⁴⁹

Como podemos observar, para Cascudo, Pedro Velho era inimitável, embora muitos de seu tempo tenham tentado, “sem a menor possibilidade de efeito e aproximação psicológica”, copiar suas numerosas virtudes e até mesmo sua forma de se arrumar⁵⁰. Finaliza a *Antologia* mencionando os casos do município e de ruas no Rio Grande do Norte que receberam o nome em homenagem a Pedro Velho e o caso de uma rua no Rio de Janeiro que recebeu o nome de *Senador Pedro Velho*. Não deixou de citar também o monumento construído em sua homenagem.

⁴⁹ CASCUDO, Luis da Câmara. *Antologia de Pedro Velho*, p. 236.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 236.

Por meio desse trabalho reforçou a necessidade de reavivar o nome de Pedro Velho e assegurar a sua presença, para que a memória dele não morresse também.

Vida de Pedro Velho, o último trabalho de Câmara Cascudo que observaremos aqui, também é carregado de todas as características enaltecedoras que abordamos ao longo desse capítulo. Segundo informação do próprio Cascudo, este livro é ~~é~~ uma biografia.⁵¹ Foi escrito no ano de 1956, centenário de nascimento de Pedro Velho.

Logo ^{no início} ~~de cara~~, no prefácio do livro, Câmara Cascudo nos informa da relação pessoal e bem achegada que sua família tinha com Pedro Velho.

Criei-me no seio da família “pedrovelhista”, ouvindo diariamente referências ao passado e saudades à figura desaparecida. [...] Nomeou Pedro Velho a meu pai, em junho de 1892, Alferes do Batalhão de Segurança, promovendo-o a Tenente em agosto de 1895. [...] Em fevereiro de 1898, num banquete que o governador Ferreira Chaves lhe oferecia, dedicou a meu pai um dos cinquenta e cinco brindes ali distribuídos eloqüentemente.⁵²

Talvez essa relação tão próxima explique a exaltação de Pedro Velho em seus trabalhos, chegando a ponto de afirmar que “nunca lhe encontrou defeito nem possibilidade de compará-lo a outro mortal”.⁵³

^{Tratando} ~~Falando~~ sobre as biografias no processo de construção do herói, Regina Abreu ^{afirma} ~~comenta~~ que uma das preocupações constantes dos biógrafos é com o homem público. Traçam os contornos de seus personagens a partir de um modelo paradigmático de homem público. O caráter “modelar” do homem público é enfatizado nelas.⁵⁴ Os autores procuram reproduzir a vida do homem público como exemplar. Essa característica “modelar” fica bem clara na *Vida de*

⁵¹ CASCUDO, Luis da Câmara. *Vida de Pedro Velho*. p. 100.

⁵² Ibid., p. 7.

⁵³ Ibid., p. 7.

⁵⁴ ABREU, Regina. *A fabricação do imortal*, p. 71.

Pedro Velho, em especial nos dois últimos capítulos (o sétimo e o oitavo). A seleção de alguns fragmentos desses textos nos levará a um melhor entendimento e esclarecimentos desses fatos.

Sobre sua personalidade, Câmara Cascudo aponta um Pedro Velho calmo, pacífico, de hábitos simples e patriarcais.

A voz, o timbre doce, invariavelmente cortês, [...] vocabulário preciso, claro, envolvente, o tratante habitual de **meu filho** aos correligionários bem mais idiosos, o **tu**, disputado como condecoração, [...] recebendo as visitas na sala de jantar, junto à imensa mesa rodeada pela família numerosa e feliz.”⁵⁵

Um das características que, segundo Câmara Cascudo, legitimava a imensa autoridade de Pedro Velho como Chefe republicano era a honestidade.

Dono do Estado, *teve inexcedível escrúpulo* no manejar dos dinheiros públicos. Nunca permitiu que os amigos e correligionários, aproveitando a festa do seu aniversário, verdadeira mobilização do solidarismo político, trouxessem presentes parecendo prêmios desmarcado. Jóias, carruagens, propriedades, nunca aceitou.⁵⁶

O livro em suas últimas páginas, ainda dirige mais elogios a Pedro Velho, chegando a afirmar que para o povo norte-rio-grandense ele “é a própria República”. Informa sobre as homenagens dirigidas a ele expressas na mudança do nome da “vila e município de Vila Nova que receberam o nome de Pedro Velho, [...] em 26 de novembro de 1908”, assim como

⁵⁵ CASCUDO, Luis da Câmara. *Vida de Pedro Velho*. p. 89, grifo no original.

⁵⁶ *Ibid*, p. 81, grifo nosso.

instituições e praças que receberam o mesmo nome. Não esqueceu de mencionar a inauguração do busto de Pedro Velho, onde esteve presente junto com o seu pai, em 07 de setembro de 1909.⁵⁷

Por meio da observação dos trabalhos de Tavares de Lira, Rocha Pombo e Câmara Cascudo, torna-se evidente a tentativa de construção em torno da figura de Pedro Velho da imagem de um grande homem, dedicado e responsável pela libertação do povo norte-riograndense do jugo opressor do Império, preenchendo assim os requisitos exigidos para a construção de um grande herói.

O regime republicano no Rio Grande do Norte também precisava do seu panteão cívico. A tentativa de criá-lo ficou muito evidente quando observamos as relações entre o movimento republicano do final do século XIX e o movimento de 1817 feitas pelos três autores considerados aqui. Vê-se aí a busca por uma tradição republicana no Estado que justificasse a ação de Pedro Velho que se espelhou nos seus antepassados, honrando-os através do seu patriotismo.⁵⁸

Com suas virtudes exaltadas nos livros e monumento, a figura de Pedro Velho acabava servindo como paradigma para grupos sociais diversificados. O desejo de Câmara Cascudo de imortalizar Pedro Velho não ficou nas entrelinhas dos seus trabalhos. Deixou bem claro que desejava eternizá-lo para que ele servisse de exemplo para as gerações vindouras. Disse:

Dispensando-nos de imobilizar o Rio Grande do Norte e seus homens atuais numa atividade parada, convencional e artística de museu de cera para ressaltar o valor dos nomes de outrora, *façamos da figura deste grande Pedro Velho um*

⁵⁷ CASCUDO, Luis da Câmara. *Vida de Pedro Velho*, p. 98.

⁵⁸ LIRA, Augusto Tavares de. *Historia do Rio Grande do Norte*, p. 235.



*ponto de referência, sinal que nos dê, ao passar dos anos, a imagem da deriva e o júbilo da marcha ascensional.*⁵⁹

Apesar da imagem positiva do movimento republicano e do seu “responsável” presente nas produções de Tavares de Lira, Rocha Pombo e Câmara Cascudo conforme vimos até aqui, trabalhos recentes, como o de Almir de Carvalho Bueno, mostram as contradições entre o discurso democrático dos republicanos e suas práticas oligárquicas.⁶⁰

Nos adendos do livro *História da República no Rio Grande do Norte* de Câmara Cascudo, encontramos o primeiro manifesto dirigido ao público, escrito por Pedro Velho, expondo o programa republicano. Dizia que o novo regime visava

Manter a ordem e assegurar a felicidade dos seus concidadãos, certos de que a moralidade, justiça e energia de seu procedimento administrativo constituem a garantia mais perfeita do respeito à lei e à autoridade extraordinária de que se acha investido por aclamação do Povo e das classes militares [...].⁶¹

Objetivava também por fim ^{dos} “erros e desmandos do passado, a desigualdade e os privilégios, que traziam a vergonha pública e o rebaixamento da dignidade cívica”.⁶² Mas, segundo Almir Bueno, “as práticas políticas oligárquicas do governo Pedro Velho, desvirtuaram o lema francês de liberdade, igualdade e fraternidade”, transformando-o em coerção, desigualdade e filhotismo, através de uma “prática eleitoral viciada, improbidade administrativa e

⁵⁹ CASCUDO, Luis da Câmara, *Vida de Pedro Velho*, p. 12, grifo nosso.

⁶⁰ BUENO, Almir de Carvalho. *Visões de República*, p. 17.

⁶¹ CASCUDO, Luis da Câmara. *História da República do Rio Grande do Norte*, p. 279.

⁶² *Ibid.*, p. 279.

nepotismo desenfreado”.⁶³ Visão bem diferente da apontada pela historiografia tradicional que consideramos.

Mas, não foi só a historiografia que contribuiu para legitimar o regime republicano no Rio Grande do Norte. Como ~~vimos~~^{aludimos} no início deste trabalho, os monumentos também tiveram papel importante dentro desse processo. É justamente sobre isso que falaremos no capítulo seguinte.

⁶³ BUENO, Almir de Carvalho. *Visões de República*, p. 22.

③ O PAPEL DOS MONUMENTOS

Após a análise da contribuição historiográfica tradicional na construção da imagem heróica de Pedro Velho, partimos agora para o segundo objeto de nosso estudo, os monumentos construídos em sua homenagem, revelando a importância deles dentro do processo de legitimação do regime republicano.

Conforme exposto no primeiro capítulo, todo novo regime instaurado precisa ser legitimado e essa legitimação se dá através da ideologia. A prática de construir heróis ou mitos não foi comum só aqui no Brasil, foi um fenômeno mundial. Todo novo regime estabelecido precisa ser justificado, ter o seu originador apontado. Dessa forma, os monumentos contribuíram para a justificação do novo regime.

As armas utilizadas pelos republicanos deveriam ser eficazes visto que o objetivo maior deles era alcançar o imaginário popular de diferentes classes ou graus de instrução. Segundo José Murilo de Carvalho,

É por meio do imaginário que se pode atingir não só a cabeça mas, de modo especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades definem suas identidades e objetos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro.⁶⁴

Conforme apontado no capítulo um, a vertente positivista foi a manipuladora dos símbolos republicanos e deixou sua marca em vários monumentos. Já mencionamos alguns nesse mesmo capítulo, ~~que~~ ^{como} o caso dos construídos em homenagem a Benjamin Constant e Floriano

⁶⁴ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas*, p. 10.

Peixoto, ambos no Rio de Janeiro, e o monumento construído a Julio de Castilhos em Porto Alegre. Todos eles possuem a mesma concepção e são a incorporação de discursos políticos. José Murilo de Carvalho ~~nos~~ aponta, em *A Formação das Almas*, que eles obedecem as idéias filosóficas de Auguste Comte e as suas concepções estéticas, “segundo as quais a arte deve ser a idealização da realidade”.⁶⁵

Os monumentos ou a historiografia, que já consideramos, não foram os únicos instrumentos utilizados pelos republicanos brasileiros para tornar a República legítima. Hinos, bandeiras e imagens também foram empregados. Mas, esses símbolos não foram criações aleatórias, ou descuidadas. Os republicanos buscaram inspiração para construir seus símbolos de legitimação e encontraram na França um modelo que poderia ser seguido. A produção simbólica da Revolução Francesa é muito vasta, dentre elas podemos citar: a bandeira tricolor, a *Marselhesa*, o barrete frígio, representando a liberdade, o calendário revolucionário iniciado em 1792, festas cívicas e a imagem feminina. Uma dessas representações ficou muito famosa na tela de Eugène Delacroix, *A Liberdade Guiando o Povo*, ~~onde~~ ^{que} mostra uma mulher de traços populares, com seios a mostra e gesto enérgico, representando a liberdade, usando um barrete frígio e segurando em uma de suas mãos um importantíssimo símbolo republicano, a bandeira tricolor. As artes não tinham apenas o objetivo de encantar os olhos, mas, “sobretudo, contribuir poderosamente para a educação pública penetrando nas almas.” Deveriam “inspirar-se em idéias grandiosas e úteis.”⁶⁶ No Brasil, a produção de imagens daqueles que “concorreram a vaga de herói”, é bem diversificada passando por Deodoro, dando “vivas” a República, numa tela de Henrique Bernardelli; Tiradentes, bem assemelhado com Jesus Cristo em telas de Décio Villares, Pedro Américo, Eduardo Sá e Aurélio de Figueiredo. Sobre as representações femininas da

⁶⁵ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas*, p. 45.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 11.

República, temos também as obras de Décio Villares. Como podemos ver, foi uma verdadeira batalha de símbolos a fim de conquistar o imaginário social.

No Rio Grande do Norte, o número de símbolos é bem reduzido. Falando sobre o pequeno número de monumentos ^{construídos existentes} distribuídos em Natal, Manoel Onofre Junior menciona apenas quatorze.⁶⁷ No caso do nosso personagem estudado, Pedro Velho, temos apenas um, que é o busto localizado na Praça Cívica e um dos que ele menciona entre os que chamam mais atenção.⁶⁸

O monumento em homenagem a Pedro Velho foi inaugurado em 07 de setembro de 1909. Foi projetado por Corbiniano Vilaça e executado em Paris por Edmond Badoche. Além da figura de Pedro Velho, o monumento traz ainda a figura de uma mulher ^{retratada seria a} inclinando-se e entregando para a imagem de Pedro Velho um ramo votivo. Segundo Câmara Cascudo, ela representa a “Pátria Norte-Riograndense”⁶⁹ (ver anexo A e B). Fato curioso mencionado por ele é que no dia da inauguração, a população achou que a mulher ^{tratava-se da} viúva, Petrolina Florinda Pedroza, a dona Nila.

Relembrando o grande evento, Câmara Cascudo diz

O governador Alberto Maranhão presidiu o cerimonial muito emocionado. Pinto de Abreu falou pela Intendência Municipal. O poeta Ferreira Itajubá que não tivera delegação de ninguém, declamou um soneto. Falara, sem saber, pelo povo.⁷⁰

⁶⁷ ONFRE JR, Manoel. *Guia da Cidade do Natal*. 3. ed. rev. e aum. Natal: EDUFRN, 1998. p. 87.

⁶⁸ *Ibid.*, p. 87.

⁶⁹ CASCUDO, Luis da Câmara. *Antologia de Pedro Velho*, p. 240.

⁷⁰ *Ibid.*, p. 241.

No momento da inauguração, o busto localizava-se no chamado Square Pedro Velho, onde hoje fica a Praça das Mães. Segundo Câmara Cascudo o objetivo inicial era que ficasse lá “até que findasse o serviço de terraplanagem da Praça Pedro Velho em Petrópolis.”⁷¹ No entanto o busto permaneceu nesta pracinha “provisória” por quase meio século⁷².

O monumento passou por várias transferências. Lauro Pinto em *Natal que eu vi* dedica um dos tópicos do seu livro, “Turismo dos Bronzes”, para comentar sobre essas várias mudanças de localização do busto de Pedro Velho. Ele diz:

O busto em bronze do Dr. Pedro Velho de Albuquerque Maranhão foi colocado no Square do seu nome, hoje Praça das Mães, no dia 07 de setembro de 1909. Mas o busto do ilustre Dr. Pedro Velho ficou no square por quase meio século e como não podia deixar de ser, foi removido para a Praça que tem o seu nome, com a frente voltada para o Ginásio de Esportes... E a herma nem assentou o pé e foi transferida para o extremo da imensa praça, mas de costas para o ginásio.⁷³

Foi no governo de Silvio Piza Pedroza, sobrinho-neto de Pedro Velho, que o busto foi enfim removido para o local inicialmente escolhido, a Praça Pedro Velho. Câmara Cascudo diz que o dia dessa mudança foi movimentado, “apressado e tumultuoso”. Acrescenta ainda que reuniu a presença civil, militar e estudantil e que foi uma digna homenagem “a lembrança do passado labor e da glória provinciana de Pedro Velho”.⁷⁴ Transferido, o busto foi colocado de frente para onde hoje é o Ginásio de Esportes, construído só em 1963 durante o governo de

⁷¹ CASCUDO, *Antologia de Pedro Velho*, p. 240.

⁷² Em *Antologia de Pedro Velho* (1954), página 241, Câmara Cascudo diz que o busto de Pedro Velho permaneceu no square de seu nome por 45 anos. Já em *Vida de Pedro Velho* (1956), página 99, fala 47 anos. Sendo assim, se contarmos 47 anos a partir da data de inauguração do busto, 1909, chegamos a 1956, ano do centenário de nascimento de Pedro Velho.

⁷³ PINTO, Lauro. *Natal que eu vi*. Natal: Imprensa Universitária, 1971. p. 17.

⁷⁴ CASCUDO, Luis da Câmara. Op. cit., p. 241.

Djalma Maranhão. No entanto, trataram de mudá-lo mais uma vez de lugar; dessa vez de costas para o ginásio, de frente para a avenida Prudente de Moraes.

Além do monumento, Pedro Velho também ganhou o seu espaço na cidade. Uma grande praça que recebeu seu nome, localizada entre algumas das principais ruas da cidade, Potengi, Trairi e a avenida Prudente de Moraes (ver anexo C). Para a população da época, a praça era mais conhecida como “a pracinha”, dividida entre parque infantil, área de esporte e área de passeio. Segundo descrição de jornal do período,

qual?

A nova Praça Pedro Velho, antes mesmo de ser concluída, se tornou um ponto de concentração das mais distintas famílias de Natal. [...] A praça se tornou mais concorrida. Um verdadeiro paraíso! [...].⁷⁵

Foi inaugurada em 24 de outubro de 1937, durante o mandato do prefeito Gentil Ferreira de Sousa. Nesse período, a praça se tornou o maior ponto de referência da capital potiguar para os acontecimentos sociais como os desfiles militares, estudantis, comícios e exposições.⁷⁶ Era justamente essa praça que se preparava para receber o busto que estava “provisoriamente” no Square Pedro Velho, inaugurado em 1909. Mas, como já citado anteriormente, só quase meio século depois ele foi para o lugar inicialmente idealizado.

Mas, foi no ano de 1969, no período do regime militar, durante a gestão do prefeito Agnelo Alves, que a Praça Pedro Velho passou por mudanças não apenas estéticas, como traçado, equipamentos e paisagismo, como também teve seu nome modificado para Praça Cívica.⁷⁷ Lá, as

⁷⁵ BARBOSA, Cristina Silva. *A praça que eu não vi: evolução e uso da Praça Pedro Velho*. 1995. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – UFRN, Natal. *qual jornal?*

⁷⁶ MEDEIROS, Isabel Cristina Costa de. Diário de Natal, 17 jul 2003. Caderno: Cidades.

⁷⁷ BARBOSA, Cristina Silva. *A praça que eu não vi*. *est...*

autoridades, assim como nos dias atuais, realizavam seus desfiles militares, comemorando datas cívicas, como é o caso do ~~17~~ de setembro, mostrando que mesmo com o passar de todos esses anos, chegando ^{em} no ano de 2007, ao centenário da morte de Pedro Velho, a praça continua tendo sua importância, não mais com o mesmo fervor, ^{var} servindo como ponto de partida das manifestações cívicas da cidade, cumprindo seu papel na perpetuação da imagem do grande Chefe. O busto e a praça construídos em homenagem a Pedro Velho acabavam ajudando também a consolidar a imagem presente nas obras de Tavares de Lira, Rocha Pombo e Câmara Cascudo que objetivavam “reavivar seu nome e assegurar sua presença, culta, inteligente, sonora de patriotismo e de fé, [...] num testemunho de que tivemos o maior homem no Organizador do Estado Republicano”. Com essas construções, a imagem heróica e grandiosa de Pedro Velho passa do plano mental para o material, palpável, visto não apenas com os “olhos do coração patriótico ou cívico”, mas também com os olhos físicos, muito embora esses símbolos não representem hoje o que representaram no passado.

*a desmemória
mais esse
capítulo!*

CONCLUSÃO

O regime republicano instaurado no Brasil precisava do seu representante, do seu herói, assim como se exige de todo novo regime instaurado. Encontrá-lo durante o processo da construção do mito de origem da República não foi uma tarefa simples, visto que essa escolha não era feita arbitrariamente; o herói precisava ter a “cara da nação”, servindo de referencial para grupos socialmente diversificados, transmitindo assim ensinamentos ao povo.

Os heróis cumpriam um papel significativo na legitimação do regime republicano, dada a falta da participação popular no movimento. Muitos símbolos, tais como hinos, mitos, bandeiras, monumentos e heróis, foram utilizados pelos republicanos brasileiros para esse fim.

O Rio Grande do Norte não ficou de fora da busca pelo seu herói. Na historiografia tradicional norte-rio-grandense podemos observar o enaltecimento da figura de Pedro Velho, contribuindo significativamente para a sua imagem positiva, ~~assim~~ como se requer de um herói.

No trabalho de Tavares de Lira, vimos que Pedro Velho aparece como a “alma” do movimento republicano no Rio Grande do Norte, descrito até mesmo como a personificação da República no Estado e dono de altas qualidades políticas.

Posteriormente a Tavares de Lira, Rocha Pombo dá continuidade a essa idéia, descrevendo Pedro Velho como o grande entusiasta do movimento republicano potiguar no final do século XIX e o homem que reviveu os valores liberais e republicanos do movimento de 1817.

Vimos que as idéias de Câmara Cascudo não diferiram em nada das de Tavares de Lira e Rocha Pombo. Dedicou trabalhos específicos à figura de Pedro Velho, chegando a afirmar que suas virtudes jamais poderiam ser imitadas. Reforçou a necessidade de reavivar o nome de Pedro Velho para que sua memória não morresse também.

Apesar de toda a descrição enaltecida da figura de Pedro Velho feita por esse autores, citamos o trabalho de Almir de Carvalho Bueno, *Visões de República*, que analisa cuidadosamente as práticas políticas do governo Pedro Velho. Segundo esse autor, existiam fortes contradições entre os discursos democráticos e republicanos de Pedro Velho e suas práticas oligárquicas, ^{nas quais} onde a coerção, a desigualdade e o filhotismo tomaram o lugar do lema francês, igualdade, liberdade e fraternidade presente em seus discursos.

Não diferente de outros “heróis”, Pedro Velho teve seu nome dado a ruas, cidades e instituições. Também ganhou um busto, e uma praça de onde partiam e partem até hoje as principais manifestações cívicas da cidade. Com esses símbolos, as idealizações de Pedro Velho passaram para o plano material e visível deixando o plano das idéias, fazendo seu nome e sua figura entrarem para a história do Rio Grande do Norte.

A seguir melhor
desenvolvimento!

BIBLIOGRAFIA

Fonte

Jornais

DIÁRIO DE NATAL, Natal, 17 jul 2003.



Bibliografia

ABREU, Regina. *A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

BARBOSA, Cristina Silva. *A praça que eu não vi: Evolução e uso da praça Pedro Velho*. 1995. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – UFRN, Natal.

BUENO, Almir de Carvalho. *Visões de República: idéias e práticas políticas no Rio Grande do Norte (1880-1895)*. Natal: EDUFRN, 2003.

CARVALHO, Consolação Linhares de. *A construção do passado republicano norte-rio-grandense e a historiografia*. 2006. Monografia (Graduação em História) – UFRN, Natal.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Antologia de Pedro Velho*. Natal: Departamento de Imprensa, 1954.

~~CASCUDO, Luis da Câmara. História da República do Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro: Edições do Val da Paraíba, 1965.~~

~~CASCUDO, Luis da Câmara. Vida de Pedro Velho. Natal: Departamento de Imprensa, 1956.~~

GUIMARÃES, Bernardo. *A cabeça de Tiradentes*. Disponível em: <<http://www.geocities.com/paulopes.geo/tiraden.htm>>. Acesso em Maio 2007.

HOBBSAWM, Eric. *A invenção das tradições*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LIRA, Augusto Tavares de. *História do Rio Grande do Norte*. 2.ed. Natal: Fundação José Augusto, 1982.

MICELI, Paulo. *O mito do herói nacional*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1989.

faltou a obra
monografia
de Vitorino

o livro de
margarina

outros
heróis

ONFRE JR, Manoel. *Guia da cidade do Natal*. 3. ed. ^{Revisão} ~~Rev. 2ª ed.~~ Natal: EDUFRN, 1998.

PINTO, Lauro. *Natal que eu vi*. Natal: Imprensa Universitária, 1971.

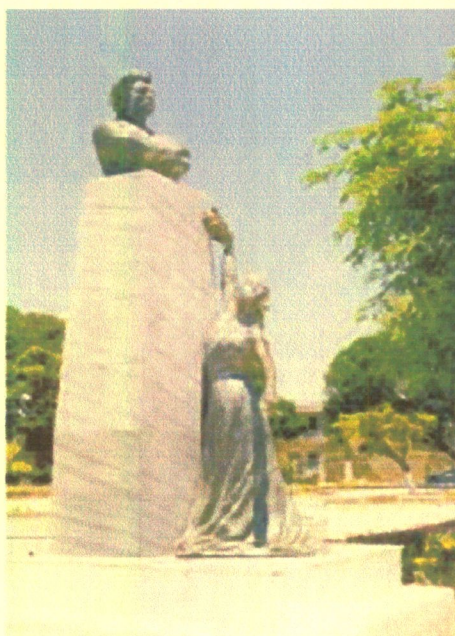
POMBO, Rocha. *História do Estado do Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1921.

ANEXOS



Anexo A: “Square” Pedro Velho

Fonte: Natal ontem e hoje / Secretaria Municipal de Meio ambiente e Urbanismo – Natal (RN)



Anexo B: Busto de Pedro Velho – Praça Cívica

Fonte: Natal ontem e hoje / Secretaria Municipal de Meio ambiente e Urbanismo – Natal (RN)



Praça Cívica

Fonte: Natal ontem e hoje / Secretaria Municipal de Meio ambiente e Urbanismo – Natal (RN)